**“É essencial continuar a investir em Ciência”**

Randy Schekman é professor de Biologia Celular e Biologia do Desenvolvimento na Universidade da Califórnia em Berkeley (UCB), nos EUA. Em 2013 venceu o Prémio Nobel em Fisiologia e Medicina, com James Rothman e Thomas Südhof, por descobrir os mecanismos envolvidos no tráfego vesicular, um sistema decisivo nas nossas células. Considera fulcral continuar a investir em ciência e que o ensino superior público não sofra cortes no financiamento.

**Como começou o seu interesse pela Ciência?**

Na escola primária gostava de astronomia e Ciência. As feiras de ciência captaram a minha imaginação – e ganhei alguns prémios. Tive o primeiro microscópio nessa altura e fiquei fascinado por ver o mundo natural ampliado. Durante o secundário fiz pequenos trabalhos, como cortar relvados e *babysitting*, para poder comprar um microscópio profissional, que foi o meu prazer privado no secundário. Guardava o dinheiro no armário do quarto. Por vezes, a minha mãe pedia-me dinheiro para ir à mercearia e, um sábado fui de bicicleta à Polícia dizer que fugi porque os meus pais tiravam-me o dinheiro poupado para o microscópio. Quando o comité do Nobel me pediu um artefacto do passado, enviei-o para Estocolmo, onde está no Museu do Nobel.

**Como explica o que faz a crianças de 7 anos?**

Começo por falar em leveduras, que conhecem dos fermentos. Digo-lhes que estes microrganismos usam o açúcar das uvas para fazer álcool. E que as células das leveduras crescem e dividem-se como as células do nosso corpo. Usamos as células das leveduras para perceber como funcionam as nossas células.

**Consegue identificar um momento “Eureka!” na sua investigação?**

Foi no verão de 1978, quando o meu aluno de doutoramento Peter Novick isolou o gene mutante *sec1*, afetado na secreção e onde as vesículas se acumulavam no interior da célula. Depois disso foram identificados vários genes para caraterizar muitos aspetos desse processo.

**Acha que os cientistas correm menos riscos por se preocuparem demasiado com o financiamento?**

Tem havido cortes substanciais. Parte do sucesso da Ciência é correr riscos. Há muitos cientistas pouco arrojados. O meu aluno de Doutoramento mais criativo foi David Baker, desenvolveu uma técnica inovadora que se revelou fundamental no meu laboratório.

**Quais são os desafios atuais da Ciência?**

Um deles é compreender o cérebro. Se eu começasse de novo, talvez estudasse um elemento desconhecido da cognição.

**Encetou uma cruzada contra o uso da “escala de impacto” das grandes revistas científicas, como a *Nature, Cell* e *Science*.**

Senti muitos anos que o uso do “fator de impacto” era nocivo para avaliar o financiamento dos projetos e a contratação de cientistas. Estamos a transferir a responsabilidade da investigação para os editores destas revistas, que não são cientistas profissionais. Isto está errado de várias formas. Estas revistas publicam por vezes artigos sensacionalistas. Mas há cientistas a achar que se não publicarem aí serão prejudicados. É preciso muita força de caráter.

**Como foi a reação da comunidade científica à sua posição?**

Alguns deram-me “palmadinhas” nas costas e depois criticavam-me por ter o Nobel graças a publicações nessas revistas. Quando fui editor da *PNAS* não quis saber de escalas de impacto. Vários cientistas e instituições assinaram já a DORA - *San Francisco Declaration on Research Assessment*, pelo fim do uso indiscriminado dessas escalas e pelo acesso livre às publicações científicas. Será uma longa batalha.

**Há outras causas que o movam?**

Defendo veementemente continuar a investir-se em ciência básica e fundamental. E defendo o ensino superior público, está sob ameaça, o que é trágico. O Estado deveria assegurar a maioria do financiamento e não colocar as instituições a aumentarem as propinas. Isto exacerba a polarização da sociedade.

**Como reagiu quando recebeu o Nobel?**

O telefone tocou às 1h20 da manhã. A minha mulher estava acordada e disse: “É agora!”. Levantei-me e pensei: “Provavelmente não!”. Era mesmo a notícia do prémio. Deram-me os parabéns e asseguraram que não era brincadeira. Acreditei, pois reconheci a voz, tinha participado com essa pessoa numa comissão. Fiquei uma hora a falar com a família, com alunos. O telefone não parou de tocar e o gabinete de imprensa da minha universidade ficou eufórico.

**E agora?**

Continuo muito excitado com a Ciência que fazemos e com a nova direção da minha investigação.

Entrevista conduzida por Sandra Paiva (é professora da Escola de Ciências da UMinho e foi professora visitante na Universidade de Califórnia Berkeley, com Prémio Fulbright e bolsa da FLAD) e Nuno Passos (Gab. Comunicação da UMinho)

Ciência na Imprensa Regional – Ciência Viva